

As representações de crianças sobre a conjugalidade através da literatura infantil

Luciana Borre Nunes*



Este escrito trata de um estudo das representações de crianças entre 5 e 7 anos de idade sobre a conjugalidade ligada ao romantismo através da literatura infantil apresentada no âmbito escolar. Desta maneira, segue-se com os seguintes pontos para reflexão: discussões referentes à constituição das representações de crianças, através dos contos de fada, sobre os relacionamentos amorosos e suas possíveis ligações com o amor romantizado; e reflexões sobre a concepção de romantismo ligado à conjugalidade.

Palavras-chave: Representações, literatura infantil, conjugalidade e currículo escolar.

This writing treats of a study of children between 5 and 7 years old's representations about the conjugality linked to romanticism through the childish literature presented at the school compass. So, the next points are followed up to reflexion: discussions referring to the constitution of children's representations, through fairy-tales, about loving relationships and their possible liaisons with the romanticied love and, reflexions about the conception of romanticism linked to conjugality.

Keywords: Representations, childish literature, conjugality and school curriculum.

Este escrito trata de observações realizadas com dezoito crianças de Educação Infantil (nível B) e com dezenove crianças da 1ª série do Ensino Fundamental, durante o período de outubro/novembro do ano letivo de 2005, em uma escola da rede privada de Porto Alegre. O principal foco da pesquisa foi verificar as representações dos alunos sobre a conjugalidade. Ou seja, o que eles pensam sobre o amor e a união de pessoas jovens/adultas. As falas e os gestos foram explorados através

* Graduada em Pedagogia – UFRGS
Pós-Graduada em Planejamento e Gestão Escolar – PUCRS
Mestranda em Educação – PUCRS
Professora da escola São Francisco

do trabalho pedagógico com dois contos da literatura clássica infantil. Os contos foram *Os Três Porquinhos* e *Branca de Neve e os Sete Anões*.

Nortearam estas observações as seguintes questões: quais as vivências de crianças entre 6 e 7 anos sobre a conjugalidade em seu âmbito familiar? Como os contos da literatura clássica infantil contribuem para constituir o imaginário infantil sobre o sentimento amoroso ligado à conjugalidade? Destaco como objetivos: conhecer as vivências dos alunos da Educação Infantil e 1ª série sobre a união marcada pelo casamento; promover reflexões sobre como as narrativas da literatura infantil contribuem na formação dos alunos; e contribuir para que se criem alternativas pedagógicas que privilegiem o trabalho de sexualidade na escola, através de discussões que apontam para as diferentes maneiras de ser e agir perante as mais variadas situações amorosas.

Essa discussão originou-se do desejo de ampliar as possibilidades de práticas pedagógicas na área da sexualidade e de refletir como as relações amorosas também são constituídas socialmente, não sendo simplesmente naturais.

O estudo teve um caráter qualitativo numa abordagem etnográfica, sendo caracterizado pela coleta de informações através de observações e entrevistas. Foram realizadas três observações em uma turma de Educação Infantil e, igualmente, na turma de 1ª série. Estas aconteceram durante o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos relacionados à contação de histórias da literatura clássica infantil.

COLETA DE INFORMAÇÕES

Foram três os momentos de observação, em cada turma, acompanhados de registros escritos que ocorreram durante as atividades propostas em sala de aula. Foram registradas as falas espontâneas e as provocadas por questões levantadas pelas professoras¹.

A primeira observação ocorreu durante a contação do conto *Os Três Porquinhos* com posteriores questionamentos interpretativos. A segunda ocorreu durante a contação do conto da *Branca de Neve e os Sete Anões*. A terceira ocorreu durante a seguinte proposta de trabalho: os alunos deveriam escolher um dos contos trabalhados e produzir um final diferente. Os alunos da 1ª série deveriam escrevê-lo e os da Educação Infantil deveriam desenhar e relatar suas produções.

¹ As falas registradas durante as observações poderão ser visualizadas durante o corpo de análise deste artigo.



Posteriormente vinte, crianças demonstraram interesse em participar de uma conversa sobre o assunto. Durante este diálogo, questionei: como terminou a história dos Três Porquinhos e da Branca de Neve? Todas as histórias terminam assim?

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTITUINDO IDENTIDADES

Acredito ser importante refletir sobre o conceito de representação, uma vez que este estudo parte de tal tema. As representações se constituem num processo social no qual diversos mecanismos se articulam para compor nossas identidades e as nossas maneiras de produzir significados. Segundo Woodward (2000, p. 17):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionado-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos [...] A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas.

E ainda: "...a produção de significados e a produção de identidades que são posicionadas no (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas." (p. 18).

As representações conduzem as nossas formas de pensar ou agir perante as variadas situações

cotidianas. Com isto, resalto que a produção de identidades (nossa constituição como sujeitos individuais e sociais) decorre de uma rede de relações que permeiam todos os ambientes de nossa vida. Falar sobre o que pensam os alunos e as alunas é falar também sobre as relações destes com o âmbito familiar, com os grupos de convivência, com a mídia, com a escola e com tudo aquilo que é reproduzido discursivamente sobre as uniões conjugais e o amor.

Algumas falas dos alunos e das alunas, registradas durante as observações, demonstram que as mais diversas experiências conjugais estão presentes em suas vivências familiares. Este é o ponto de reflexão que será apresentado no próximo item deste artigo.

O ROMANTISMO LIGADO A CONJUGALIDADE

Os termos "amor romântico" ou "romantismo" tratados durante este texto referem-se ao imaginário social de felicidade pessoal que foi e continua sendo uma das marcas da cultura ocidental. Diz respeito a uma crença emocional que é mantida pelos indivíduos e que pode ser transformada conforme suas relações interpessoais. Trata-se de uma convicção de que o amor é universal e natural, presente em todas as épocas e culturas, e que pode levar ao estado de felicidade. Sendo assim, torna-se impor-

tante refletir sobre a vinculação do amor romântico com a união conjugal e o conseqüente sentimento de dedicação ao outro.

Registro que, durante as observações e conversas, muitos alunos e alunas vincularam o fim das duas histórias ao casamento. Isto porque, quando foram perguntados sobre os acontecimentos nos finais das histórias, dezessete alunos responderam que Branca de Neve casou com o príncipe (este dado não foi passado durante a contação) e três disseram que os porquinhos continuaram vivendo felizes com suas famílias após a reconstrução das casas: *Eles fizeram de novo as casinhas e mandaram chamar as porquinhas com seus porquinhos, até o lobo ficou bonzinho e trouxe a loba pra morar perto!* (Tatiana, 8 anos)² *O primeiro porquinho não tinha namorada, por isso a casinha dele era de palha, mas depois, quando ele fez a outra casa ele arrumou uma namorada* (Ricardo, 6 anos). E ainda: *As esposas dos porquinhos tinham ido viajar juntas, por isso elas não estavam na hora do lobo* (Juliana, 6 anos).

Interessante observar que a tradicional frase de fechamento das histórias da literatura infantil clássica - *e foram felizes para sempre* - pode causar diferentes interpreta-

ções nas crianças. Em *A Branca de Neve e os Sete Anões* dezessete crianças concluíram que houve casamento. Tal percepção certamente constrói subjetividades de que o casamento é um estado necessário na vida jovem/adulta e que não pode ser desfeito, pois é para sempre. Das dezessete crianças, quatorze foram meninas que relataram essa idéia. Isto apresenta reflexões que envolvem o amor romantizado como característico das meninas, pois elas criam o imaginário da espera do príncipe como salvação de problemas e que este irá lhe proporcionar a felicidade. Essa concepção encontra-se fortemente construída no imaginário infantil feminino, pois três meninas também associaram a história dos Três Porquinhos como relacionamentos conjugais.

Durante as observações notei que alguns alunos e alunas realizaram distinções entre a história contada e a realidade em que vivem. Por experienciarem situações de separações na família, ou por experienciarem distintas formas de configuração familiar, eles não associaram o final das histórias ao casamento. Destaco algumas frases registradas durante as observações: *A Branca de Neve não gostou da cara do príncipe!* (Juliana, 6 anos) *O príncipe chegou atrasado*

² Os nomes mencionados são fictícios.



e ela morreu mesmo! (Jéferson, 8 anos) *Por que não poderia ser uma outra princesa para ajudar ela? Depois de muito tempo eles se separaram e cada um arranhou outro namorado.* (Ana, 6 anos) *Os porquinhos resolveram juntar todo mundo pra morar na casa mais forte! Os porquinhos eram feios e sujos, por isso não tinham namoradas!* (Caroline, 7 anos) *Os porquinhos ainda eram crianças e decidiram que nunca iriam ter namoradas. O lobo resolveu ser bonzinho e viver junto com os porquinhos.* (Taís, 6 anos) *Na realidade o lobo era bom e estava só tentando ajudar os porquinhos e os porquinhos eram malvados porque não deixavam ele brincar junto* (Camila, 7 anos).

Junto a outras narrativas, como as familiares e as da mídia televisiva, por exemplo, a literatura infantil clássica se torna importante artefato cultural³ para a manutenção da concepção do amor romantizado. A espera que da conjugalidade como marco principal das histórias de vida e com duração eterna. Criar expectativas sobre o relacionamento com o outro talvez seja a principal característica do amor romântico. Portanto, trabalhar com estas percepções, para se refletir que outras formas de relacionamento podem ser fontes de felicidade, torna-se primordial nas pro-

postas pedagógicas desenvolvidas pela escola. Desta maneira, o item a seguir trata sobre a escola e a educação para a sexualidade.

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O TEMA DA SEXUALIDADE

Educadores e educadoras intencionam que o currículo escolar atenda a todas as dimensões na formação do aluno. Que as discussões que permeiam o âmbito educacional girem em torno da educação que contemple as necessidades dos educandos. Que as temáticas vivenciadas pelos alunos e alunas sejam abordadas e trabalhadas dentro das salas de aula e que os conhecimentos prévios, bem como suas idéias e pensamentos sejam a origem de qualquer planejamento. No entanto, tais pressupostos contemplam áreas e assuntos até então silenciados ou negados dentro da escola, uma destas temáticas é a educação para a sexualidade.

O tema da sexualidade enfrenta dificuldades para sua abordagem nas salas de aula, pois é comum observar um enfoque biológico (prevenção de doenças, AIDS, gravidez). Desta forma, torna-se importante questionar aspectos sobre a constituição de crianças e jovens no que diz respeito ao cotidiano de seus sentimentos relacionados ao “amor” e aos “relaciona-

³ Artefato cultural refere-se a elementos sociais que contribuem para a constituição de nossas identidades.

mentos amorosos”. Afinal, que sentimentos são oriundos de um “fora”? Como o sentimento do ciúme pode refletir na vida adulta? Como trabalhar com sentimentos de rejeição? Como garantir a individualidade diante do discurso que na relação amorosa deve haver o constante “ceder”? Por que não questionar as diferentes atribuições do ser feminino e do ser masculino dentro de uma relação amorosa? Por que as relações devem atender ao ideal social de heterogeneidade? Tais questões também fazem parte de uma extensa gama de possibilidades para o trabalho com a sexualidade na escola e que, diretamente, dizem respeito à formação dos alunos e de suas necessidades.

Nas observações e entrevistas descritas, percebi a necessidade deste tipo de abordagem. A escola continua a reproduzir o ideal social para os relacionamentos amorosos. Costa (1998, p.18) diz que “O romantismo foi e continua sendo uma das marcas registradas da cultura ocidental”. Ainda trata-se o amor com ligação íntima ao casamento e as crianças reproduzem tal crença quando dizem que os Três Porquinhos encontraram Porquinhos para viverem felizes para sempre, ou que a Branca de Neve foi feliz quando o príncipe a despertou e a salvou de um futuro sem vida. Alves (2005, p. 102) também contribui a afirmar que “Amor e casamento têm estado sempre associados; independente do estilo e significado do sentimento”.

A escola produz e reproduz discursos que contribuem para a constituição social dos alunos. Stuart Hal (2000, p. 109) diz que “É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”.

Costa (1998, p. 35) contribui novamente ao dizer que as maneiras de se compreender os relacionamentos amorosos acarretam implicações sociais mais amplas:

Aprendemos a crer que amar romanticamente é uma tarefa simples e ao alcance de qualquer pessoa razoavelmente adulta, madura, sem inibições afetivas ou impedimentos culturais. O sentimento do insucesso amoroso é, por isso mesmo, acompanhado de culpa, baixa auto-estima e não de revolta contra o valor imposto.

O que acontece com aqueles que não se sentem felizes ao enquadrar-se com o que é previsto como “normal” na sociedade? O que acontece com aqueles que optam por um relacionamento homossexual ou com qualquer outra configuração amorosa?

Ao mesmo tempo em que muitos alunos demonstram, através de suas falas e gestos, que o ideal do amor romântico está presente em suas vidas, há o relato daque-



les que as experiências não se enquadram em famílias estruturadas nas figuras paterna, materna e fraterna e com uma conjugalidade que garante o “felizes para sempre”. Muitos disseram que as histórias dos contos de fada são apenas histórias contidas em livros, que não representam a realidade. Em atividades posteriores, muitas crianças relataram suas experiências que não atendem a uma conjugalidade feliz. Dizem que seus pais estão sempre brigando ou estão separados, que têm diversos irmãos por parte de um dos pais, ou que moram com “*duas mulheres que dormem juntas*”. A literatura infantil clássica apresenta uma forma de se amar, uma conduta a ser objetiva em contraposição ao que muitos alunos vivenciam. Costa (1999, p. 24) afirma que:

Na época atual, os elementos que garantiam a solidez do romantismo amoroso entraram em decadência. A família, o pudor, a vergonha, a repressão sexual, o respeito pela intimidade, a sacralidade do matrimônio, o objetivo da reprodução biológica, a dissimetria entre homens e mulheres no que concerne à liberdade sexual, etc., todos esses elementos que aureolavam o amor romântico, estão definindo em uma velocidade vertiginosa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“Assim aprendemos a usar o termo amor e assim aprendemos a amar”. (Costa, 1998, p. 36).

Os ideais que constituem os relacionamentos amorosos passam a formação dos alunos dentro das instituições escolares. As crianças também vivenciam experiências amorosas, no sentido de reproduzir a maneira na qual os jovens e adultos se relacionam. Mandam cartinhas com dedicatórias, dizem que estão namorando, sentem-se rejeitadas e tristes quando um colega não corresponde aos seus sentimentos, choram quando o objeto de desejo não vai à aula, negam-se a realizar atividades se no mesmo grupo do apaixonado. Enfim, as crianças também apresentam preocupações amorosas, sendo descaracterizado o não trabalho com a sexualidade neste sentido.

REFERENCIAS

- 1 ALVES, Vera Lúcia Pereira. **Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de autoajuda**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- 2 COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 3ª ed.
- 3 _____. **As práticas amorosas na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Psyche, 1999.

- 4 HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- 5 WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

